

DENÚNCIA, ELABORAÇÃO E EMPODERAMENTO: AS FUNÇÕES DO DIÁRIO EM QUARTO DE DESPEJO

DOI: *em atribuição*

Maria Liliane Gomes dos Santos¹, Vitória Martins Mauawad¹, Mayury Kawany Neves da Silva¹

Resumo: Neste artigo são examinadas as funções assumidas pelo diário de Carolina Maria de Jesus na obra Quarto de Despejo (1960), a partir das categorias denúncia, elaboração da experiência e empoderamento. O método escolhido foi o hermenêutico-dialético e a discussão é conduzida em interlocução com três autores: Michel Foucault, Sigmund Freud e Lev Vygotsky. Foi verificado que o diário de Carolina expressa as desigualdades vivenciadas em seu cotidiano, servindo de mediador da experiência e transformador da sua realidade. Espera-se com esse trabalho demonstrar o potencial do diário na trajetória de Carolina, ao mesmo tempo em que se problematizam as limitações que atravessam o seu uso.

PALAVRAS-CHAVE: Quarto de Despejo; literatura; psicologia; hermenêutica; dialética.

Complaint, Elaboration and Empowerment: The Functions of the Diary in Trash Room

Abstract: This article examines the functions assumed by Carolina Maria de Jesus diary in the book The Trash Room (1960), based on the categories of denunciation, elaboration of experience and empowerment. The method chosen was the hermeneutic-dialectic method and the discussion is conducted in dialogue with three authors: Michel Foucault, Sigmund Freud and Lev Vygotsky. It was verified that Carolina's diary expressed the inequalities experienced in her daily life, serving as a mediator of the experience and transforming her reality. It is hoped that this work demonstrates the potential of the diary in Carolina's trajectory, while at the same time problematizing the limitations that permeate its use.

KEY WORDS: Trash room; literature; psychology; hermeneutics; dialectics.

¹ Universidade Federal do Acre

Queja, Elaboración y Empoderamiento: Las Funciones del Diario en Cuarto de Desechos

Resumen: Este artículo examina las funciones asumidas por el diario de Carolina Maria de Jesus en la obra Cuarto de desechos (1960), a partir de las categorías de denuncia, elaboración de la experiencia y empoderamiento. El método elegido fue el método hermenéutico-dialéctico y la discusión se lleva a cabo en diálogo con tres autores: Michel Foucault, Sigmund Freud y Lev Vygotsky. Se constató que el diario de Carolina expresaba las desigualdades vividas en su vida diaria, sirviendo como mediadora de la experiencia y transformando su realidad. Se espera que este trabajo demuestre el potencial del diario en la trayectoria de Carolina, al mismo tiempo que problematiza las limitaciones que permean su uso.

PALAVRAS-CLAVE: Cuarto de desechos; literatura; psicología; hermenéutica; dialéctica.

Introdução

Lançado em 1960, após o encontro entre Carolina Maria de Jesus e o jornalista Audálio Dantas, *Quarto de Despejo* (Jesus, 1960) é uma edição dos diários pessoais de Carolina entre 1955 e 1960 e inaugura a trajetória de sua protagonista como escritora. Alcançando a venda de cem mil exemplares em seis meses e sendo comercializado em 40 países com tradução para 13 idiomas, o primeiro livro

de Carolina é um sucesso e sua originalidade continua a fomentar a produção do conhecimento a seu respeito.

Quando abrimos *Quarto de Despejo* nos deparamos com um texto estruturado dentro do gênero diário, no qual a protagonista conta aos leitores o transcorrer de seus dias. Desde a primeira página percebemos que este não é um diário em conformidade com a

representação romantizada dos diários femininos, à medida que traz em si palavras escritas por uma mulher que consegue alcançar expressão para as opressões vividas por milhares de brasileiras.

Escrita em primeira pessoa, suas páginas desvelam os rejeitos que caracterizam o cotidiano vivenciado pela autora na favela do Canindé, em São Paulo. Atravessada por uma articulação de violências sociais devido à sua condição de mulher negra e pobre, ela encontra na escrita a possibilidade de resistência, simbolização e denúncia frente à realidade que se apresenta como agente de dor, sofrimento e violência, o que gerou curiosidade e provou inquietações acerca das funções assumidas pelo diário de Carolina na obra *Quarto de Despejo*.

Embora o tempo transcorrido desde o lançamento tenha possibilitado a interlocução desta obra

com diferentes campos do conhecimento, tal qual a antropologia e a psicologia (Gonçalves, 2014; Oliveira, 2017), permanece original o diálogo com a ciência psicológica que oferece centralidade ao seu diário em interface com a abordagem hermenêutica-dialética. A escolha de Freud, Foucault e Vygotsky para conduzir a interpretação e o diálogo com o diário de Carolina Maria de Jesus parte da presunção de que o encontro entre suas teorias, com suas aproximações e distanciamentos, possibilitaria a abordagem produtiva de uma obra clássica, também corroborada quando se estabelece interesse sobre as diferentes facetas do seu diário, em detrimento a uma abordagem psicologizante da protagonista.

Ademais, acredita-se que nesse momento, em que o Brasil entra novamente no mapa da fome, é preciso falar sobre Quarto de Despejo. A obra representa o cotidia-

no de muitas brasileiras marginalizadas e que não possuem o mínimo para sobreviver. Carolina de Jesus expõe seus leitores com a realidade, não se trata de uma ausência simbólica, mas daquilo que se situa no campo da necessidade. Sobre um buraco onde afundam aqueles que nunca foram tratados como sujeitos de direito, tampouco de desejo. Frente a este desafio, este trabalho tem como objetivo examinar quais as funções assumidas pelo diário de Jesus, na obra *Quarto de Despejo*.

Método

Neste estudo será usada uma abordagem qualitativa para análise das funções assumidas na obra diário de Carolina de Jesus. A escolha por esse delineamento é justificada em razão das potencialidades de compreensão da realidade social apresentada na obra. Acredita-se que as impres-

sões dessa produção podem fazer o sujeito entender esse contexto de uma forma que não pode ser interpretada utilizando apenas o método quantitativista, visto que demanda uma reflexão crítica e articulada com a realidade social.

O privilégio dado ao método hermenêutico-dialético passa pela potencialidade da articulação entre hermenêutica e dialética nessa busca por significados. Enquanto a hermenêutica prevê a existência de um sentido original que pode ser articulado ao referencial teórico, a dialética propõe o confronto de ideias e a construção de uma nova referência que contribui para o avanço da teoria. Segundo Minayo (2002, p.82),

A hermenêutica se move entre os seguintes termos: compreensão como a categoria metodológica mais potente no movimento e na atitude de investigação; liberdade, necessidade, força, consciência histórica, todo e partes, como ca-

categorias filosóficas fundantes e significado, símbolo, intencionalidade e empatia como balizas do pensamento.

Ainda em Minayo (2002, p. 82) "A dialética, por sua vez, é desenvolvida por meio de termos que articulam as idéias de crítica, de negação, de oposição, de mudança, de processo, de contradição, de movimento e de transformação da natureza e da realidade social". Nesta intenção, esta se apresenta como uma modalidade de análise valiosa para a obra de Carolina de Jesus, uma vez que as teorias psicológicas isoladamente poderiam contribuir para uma abordagem simplista e "patográfica" do seu sofrimento e das funções que conseqüentemente assumem o seu diário diante dele.

No método hermenêutico-dialético, Minayo (1992) sugere alguns passos para operacionalização da análise, sendo eles: 1-

Ordenação dos dados: mapeamento de todos os dados obtidos, 2-Classificação dos dados: elaboração das categorias a partir da leitura exaustiva do referencial teórico, determinando os conjuntos com base na relevância das informações, 3-Análise final: estabelecer relações entre os dados e o referencial teórico, para assim, responder os objetivos da pesquisa.

Neste trabalho as categorias foram propostas a partir do referencial e da leitura do livro *Quarto de Despejo*, o que possibilitou a identificação sistemática de temas que podem colaborar para o exame das funções assumidas pelo diário de Jesus e seu possível potencial terapêutico. São elas: Denúncia; Elaboração da experiência; e Empoderamento. Além disso, foi estabelecida discussão a partir das teorias de Freud, Foucault e Vygotsky, cujas divergências possibilitaram a triangulação operacionalizada por diferentes

discursos, no intuito de “garantir a pluralidade de visões sobre um fenômeno, para desvelar (negação) uma verdade alienada por conjunturas sociais, revelando, ao fim, resultados mais próximos da realidade (síntese)” (Netto, 2019, p.6).

A ausência de contato com seres humanos isenta a submissão deste trabalho às instâncias que delibaram sobre a ética em pesquisa, uma vez que a fonte principal é a obra de Carolina e não existem impedimentos ao seu acesso.

Resultados e Discussão

Desde a Idade Antiga, a escrita se tornou uma forma de representação do ser humano, possibilitando que as informações fossem transmitidas, ou até mesmo formuladas, através da apropriação da linguagem. Para Lima e Santi-

ago (2010), o diário íntimo não era considerado autobiográfico na antiguidade, pois a experiência pessoal não era digna de ser descrita, somente se estivesse atrelada a um modelo vigente.

A escrita de diários, como narrativa sobre si, tornou-se parte da cultura somente a partir do Renascimento Europeu, quando houve a expansão do sentimento de individualismo, proporcionado pelos ideais renascentistas (Lima & Santiago, 2010). Nesse contexto "A noção de intimidade e o desenvolvimento da esfera privada na burguesia, a necessidade de confissão, a colocação do sexo em discurso e a busca pela historização da vida, foram essenciais para a expansão e reconhecimento do diário íntimo" (Lima & Santiago, 2010, p. 22).

Para Liberali (1999), existem diversas abordagens para o estudo desse instrumento, porém não foi possível encontrar muitos

trabalhos que façam a caracterização do diário como um gênero auxiliar no processo de reflexão crítica, como acontece na obra *Quarto de Despejo*. Como se observa, Jesus começou a escrever para eludir a raiva, já possuía a intenção de publicar seu diário e expressar de forma realista as opressões vivenciadas pela mulher negra, mãe e imigrante nas favelas brasileiras. Por algum tempo recorreu a várias editoras no Brasil e não obteve sucesso, assim como também não teve êxito ao enviar seu trabalho para uma editora nos Estados Unidos (Jesus, 2014, p. 168). A publicação do seu diário somente ocorreu quando o jornalista Audálio Dantas reconheceu o seu potencial e decidiu apresentá-lo a um editor.

Esse mesmo potencial, passadas algumas décadas, possibilitou, neste trabalho, a emergência de três categorias representativas das funções de seu diário: a categoria “denúncia” diz respeito à

função de anunciar fatos da sua realidade e se configura como forma de contestação do racismo e das desigualdades sociais vivenciadas. A categoria “elaboração da experiência” se refere à função de compartilhar sentidos de experiências constitutivas da subjetividade e forjadas no contato com o seu entorno. A categoria “empoderamento” relaciona-se às mudanças de lugar assumidas pela protagonista e conquista de poder favorecidas pelo seu diário, todas elas apresentadas e discutidas a seguir.

Categoria A: Denúncia

Jesus, ao escrever seu diário, expressa o significado que aqueles símbolos possuem em seu pensamento, além de representar um espaço e tempo específicos, pois “uma palavra sem significado é um som vazio; portanto, o significado é um critério da palavra e seu componente indispensável” (Vygotsky, 2005, p. 12). O próprio

nome do título, *Quarto de Despejo*, é representativo desta carga e são dotados de significados, pois é referência a um episódio onde ela e outros moradores de habitações coletivas foram expulsos para a construção de edifícios e, com o despejo, tiveram que residir embaixo das pontes (Jesus, 2014, p. 169).

O sentido dos seus textos está entrelaçado ao contexto histórico-cultural brasileiro vivenciado durante a década de 1950 (Netto e Chagas, 2019), “época em que o Brasil passou por intenso processo de crescimento, industrialização e por mudanças político-econômicas que, junto a outros fatores, incitaram o processo migratório” (Gikas e Sampaio, 2018). Esse suposto progresso não atingiu todas as camadas da população, gerando um alto índice de desemprego, principalmente dos imigrantes do Norte e Nordeste, que vieram à procura de trabalho nas capitais do país. A

maioria, devido ao preconceito, viu-se sem possibilidades, identificando como única saída aglomerarem-se nas favelas com precárias condições de vida, como foi relatado na obra *Quarto de Despejo*.

Ao desvelar-se entre as páginas de seu diário, Carolina de Jesus transforma em palavras seu cotidiano e dá voz às desigualdades vivenciadas por sua família e por outros moradores da favela do Canindé. No trecho: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa” (Jesus, 1960, p.13), ela dá ênfase à dimensão material da experiência, sem perceber que este valor de verdade já encontrase na dimensão semântica de seu próprio nome, uma vez que Carolina significa “mulher do povo” e comporta em si as dores e injustiças que não são exclusividade de quem escreve, mas daqueles que compartilham com ela uma existência de exclusão.

Esse resgate semântico do nome de Carolina também é oportunizado pela interlocução com o referencial freudiano, o qual concede referências para que o inconsciente seja referido como um quarto de despejo, para onde são enviados conteúdos desagradáveis à consciência, que sempre retornam com seu valor de verdade e reivindicação (Freud, 1996/1910, 2000/1900). Logo, a função de denúncia em Freud encontra-se a cargo do inconsciente, essa instância psíquica responsável por confrontar os sujeitos com suas verdades e contradições.

E se para Vygotsky (2005) “a linguagem escrita é constituída por um sistema de signos que designam os sons e as palavras da linguagem falada, os quais, por sua vez, são signos das relações e entidades reais” que funcionam como mediadores da realidade, para Freud (2000/1900, 1996/1917, 1995/1991,

1996/1905a), os sonhos, sintomas, chistes e atos falhos partilham de um caminho em comum, a linguagem, e é primordialmente por meio desta que a psicanálise favorece a produção de sentidos diante das chamadas manifestações do inconsciente. Logo, as construções oníricas e os sintomas encontram novos significados à medida que são enredados em palavras e passam a contar histórias, assim como são os lapsos, e as ditas “brincadeiras”, responsáveis por desvelar conteúdos importantes, antes considerados banais.

A interlocução desses autores, por sua vez, convida a pensar a denúncia a partir de duas dimensões distintas. Em Vygotsky, temos a referência a um sentido de verdade denotativo ou literal, ao passo que em Freud predomina a busca por uma verdade do inconsciente, que muitas vezes se cola à palavra de forma conotativa, e dificilmente pode ser utilizada na aná-

lise do diário, pois, embora Adálio tenha optado por manter muitos dos lapsos de escrita evidenciados na obra de Carolina, uma interpretação destes se mostraria de-veras psicologizante, pois antes de uma verdade inconsciente, essas falhas denunciam as insuficiências do processo de escolarização da autora.

Ao invés disso, considera-se, em termos psicanalíticos, o seu potencial linguístico em afetar e resgatar o valor de palavras banalizadas na consciência do brasileiro e, ao conceder importância a esse discurso, vislumbra-se o seu papel de trazer à tona aquilo que costumeiramente é dito, mas não é ouvido na sua máxima potência e veracidade. Ao ter em conta a denúncia como uma das funções assumidas pelo diário de Carolina, é válido lembrar que a intenção freudiana de levar a psicanálise às camadas populares não foi suficiente para que esta forma de interpretação se tornas-

se acessível a mulheres como Carolina, ao passo que a chegada da psicanálise em solo brasileiro foi marcada pela perpetuação de práticas elitistas, cujas possibilidades de acesso são criadas a partir da ideia de consumo e seus dispositivos de inclusão e exclusão (Bairrão, 2019).

De volta a Vygotsky (2005, p. 55), é importante ressaltar para além da linguagem, o “desenvolvimento do comportamento será essencialmente governado pelas leis gerais do desenvolvimento histórico da sociedade humana”, as quais encontram-se ligadas intrinsecamente à dimensão material da experiência e cujos obstáculos são enumeráveis quando se tem em conta os antecedentes de exploração que marcam toda a América Latina, como fica explícito no trecho: “...Hoje eu fiz arroz e feijão e fritei ovos. Que alegria! Ao escrever isto vão pensar que no Brasil não há o que comer. Nós temos. Só que os pre-

ços nos impossibilita de adquirir” (Jesus, 1960, p.130).

De fato, as favelas são conhecidas como “lugares historicamente narrados a partir da falta, seja através da carência material, direitos ou recursos sociais” (Fernandes, 2020). No contexto brasileiro os avanços mais significativos de melhorias deste cenário são datados a partir da promulgação da Constituição Cidadã de 1988, a qual também abre caminho para Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) e para a implementação de políticas sociais afirmativas que se intensificam a partir dos anos 2000, ocasião em que o Brasil ousa sair pela primeira vez do mapa da fome.

Contudo, se por um lado não houve nenhuma política social que garantisse o mínimo para Carolina, é preciso considerar que historicamente muitas dessas políticas foram instrumentaliza-

das como forma de controle do Estado, como alerta a genealogia foucaultiana, ocasião em que é possível ultrapassar a dimensão material para acessar as diferentes facetas do poder que permeiam a presença do Estado nesses espaços, o qual não se limita à imagem da polícia repressiva, mas adentra como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, produzindo coisas, formando saberes e discursos, enfim, uma infinidade de procedimentos que fazem o poder circular ininterruptamente na sociedade.

Devido a essa complexidade, Foucault diz que nem a relação de poder é mais uma “relação”, nem o lugar onde ela se exerce é um lugar, falando em um jogo casual das dominações que atua de acordo com os sistemas de submissão vigentes na época e que representam sempre a mesma cena que repetem indefinidamente os dominadores e os dominados. É por

isso que em cada momento da história a dominação se fixa em um ritual; institui procedimentos; impõe deveres e direitos (Foucault, 1989/1978).

Em seus diários, Carolina denuncia os inúmeros procedimentos pelo qual é realizado o controle social dos corpos, dentre eles, as próprias políticas públicas atuaram como perpetuadores da violência e da dominação: “Contaram-me os horrores do juizado. Que passam fome, frio e que apanham ininterruptamente” (Jesus, 1960, p.74). Para além disso, se observa certo desconforto diante do exercício de controle sobre os corpos das mulheres que também transcende as instituições

Fui torcer minhas roupas. A D. Aparecida perguntou-me: A senhora está grávida? _ Não senhora _ respondi gentilmente. E lhe chinguei (sic) interiormente. Se estou grávida não é da sua conta [...] Está circulando rumor que eu

estou grávida! E eu, não sabia! (Jesus, 1960, p. 12).

Pouco explorados por Foucault, os discursos de dominação que recaem sobre as mulheres não chegam a ser reconhecidos na sua magnitude por Carolina, mas são sentidos e reclamados à medida que perpassam todos os espaços em que ela transita. Pouco consciente dos poderes que atravessam as relações de gênero, o diário de Jesus privilegia a denúncia do sistema capitalista, baseado no neoliberalismo, que prega o estado mínimo e garante a perpetuação das desigualdades. Dessa forma, mantém uma estrutura capaz de manipular um grande contingente populacional, que luta pela sobrevivência. Menor relevância também ganham as passagens que explicitam o racismo: “Está escrevendo negra fidida” (Jesus, 1960, p.24), não havendo percepção desta prática como instrumento de dominação

e exploração que serve ao sistema capitalista.

Mesmo não explorando estes atravessamentos, os registros diários de Carolina Maria de Jesus demonstram um contexto social permeado por adversidades, onde ficam evidentes as intersecções de raça, classe social e gênero, dentro de uma sociedade patriarcal, construída sobre um discurso sexista, que coloca a mulher como única responsável pelo papel de educar e cuidar de seus filhos e da pessoa negra como aquela que pode ser ofendida e discriminada em decorrência da sua cor.

Diante deste cenário, cada autor permite interpretar a denúncia expressa por Carolina de uma maneira única, mas incompleta, enquanto Vygotsky constrói a realidade por intermédio das palavras, Freud desvenda seus significados e Foucault explica as relações de poder mediadas pela comunicação. Isto posto, é possí-

vel afirmar que as teorias de Foucault, Freud e Vygotsky se contrastam e se complementam, à medida que colaboram com facetas distintas para a acepção do seu diário.

Categoria B: Elaboração da experiência

Como resultado das bases médicas e biológicas que influenciaram a psicanálise, o inconsciente freudiano muitas vezes é concebido como uma instância circunscrita ao sujeito e suas experiências pessoais, sendo este apenas um dos polos que constituem a dualidade do inconsciente que, embora pulsional, é também social. Nesses termos, a leitura do diário de Carolina comporta esta mesma dualidade, à medida que ao expor aquilo que é pessoal, ele rompe com o imaginário romântico a respeito do diário feminino, e reforça a indissociabilidade entre a vida da protagonista e aquilo que é público e caracteriza

as subjetividades forjadas em solo brasileiro.

Esta dualidade dialética também está presente em Vygotsky (2005), para quem o processo de internalização é constituído por uma série de transformações, que seguem uma sequência, iniciando com uma atividade externa que começa a se tornar interna, através de um processo interpessoal que se transforma em intrapessoal, devido a uma sucessão de eventos sociais que ocorrem ao longo do desenvolvimento. No fragmento “Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo” (Jesus, 1960, p.15), Carolina demonstra que o seu diário se torna uma forma de reconstituir sua experiência, através da elaboração de acontecimentos externo. No livro, é possível identificar alguns fragmentos onde Carolina faz de seu diário seu companheiro para contar detalhes do seu dia e

às vezes confidenciar sentimentos íntimos, como no trecho

...Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insípido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior.” (Jesus, 1960, p.155).

Essa forma subjetiva de se expressar corrobora com a ideia de que a escrita possui o potencial de dar vida e simbolizar a experiência. Uma vez que em Vygotsky (1991, p. 41), “a internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana”, mais que uma reconstrução da experiência pessoal, a expressão através da arte, no caso a escrita, pode ser uma forma de elaboração dos processos de desenvolvimento da sociedade e sua cultura.

Para Foucault (2004/1983), a escrita é um método de reflexão, onde é possível fazer um exame de consciência e estabelecer uma relação de si consigo mesmo, a partir da apropriação do conteúdo escrito. Ele demonstra a importância da escrita de si como instrumento de subjetivação e estetização da existência na antiguidade. Se na literatura cristã a escrita era estimada no seu potencial de atuar como outro diante do qual a pessoa deveria relatar todos os seus movimentos interiores, servindo assim para suscitar o constrangimento diante de práticas e pensamentos desviantes da moralidade cristã, antes disso, ainda na época imperial, a escrita era orientada por outros valores de cuidado de si.

Para demonstrar o caráter transformador e subjetivo da escrita na antiguidade greco-romana, Foucault (2004/1983) descreve o uso dos hypomnemata e da correspondência. Os hypomnematas

consistiam em uma construção contínua realizada pela pessoa com trechos de suas leituras, reflexões, memórias, pensamentos etc. e era utilizado justamente para representar a existência da melhor maneira possível. O intuito é ter o material disponibilizado para ser consultado diante de qualquer infortúnio ou das próprias vicissitudes, em uma perspectiva de harmonização da existência. Já a correspondência, apesar de semelhante aos hypomnemata, agregava a interlocução, sendo, portanto, uma contrapartida atuante tanto no remetente, que se ouvia no ato da escrita, como na pessoa que recebe, pela leitura e reflexão (Foucault, 2004/1983).

Ao escrever Carolina de Jesus refletia sobre sua realidade, o sofrimento injusto que lhe era imposto, e o que ela poderia ou não fazer para viver melhor e enfrentar a opressão, e “esse é o sentido da escrita como cuidado

de si, tornar-se o que se é na medida em que se escreve com sangue, palavras essenciais para conferir ao existir uma forma apropriadamente estética, ou, dito de outra forma, como uma estética da existência.” (Bastos, 2017, p.167)

Na obra *Quarto de Despejo*, podemos observar o cuidado de si efetivado por Carolina, pois ela escrevia em articulação com a realidade prática, que incidia como uma força de aniquilamento tanto subjetivo como físico, e visava uma existência de acordo com sua construção ética e a melhor possível, como fica visível nos fragmentos: “Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos” (Jesus, 1960, p.9).

Em aproximação, passagens tal qual: “Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo” (Jesus, 1960, p.15), permitem pensar o

diário como uma forma de sublimação em sua definição psicanalítica, podendo operar controle sobre os impulsos agressivos favorecidos pela desigualdade e pela miséria, ao mesmo tempo em que serve de prova do potencial criativo e elaborativo de Carolina, rompendo portanto com os discursos que promovem a patologização da pobreza e muitas vezes se encontram legitimados na ciência psicológica.

Para além disso, em Freud (2020/1908) a escrita muitas vezes substitui o brincar infantil, pois ao escrever o adulto pode realizar, através da fantasia, desejos anteriormente reprimidos, o estudioso ainda defende que o escritor possui a capacidade de proporcionar prazer através da libertação de tensões, a partir do reconhecimento dos leitores proporcionado pela leitura da obra e possível abertura para auto aceitação de seus próprios devaneios.

Embora em um primeiro momento Freud (2020/1908) proponha uma distinção entre os gêneros, que atribuiria a prevalência de fantasias eróticas em mulheres e fantasias de ambição aos homens, sendo estas representativas dos ideais de uma sociedade burguesa caracterizados pela repressão sexual e intelectual das mulheres, este não demora em circunscrever a frequente unificação das fantasias eróticas e ambiciosas em ambos os gêneros, sendo estas também passíveis de sofrer alterações em seus conteúdos, os quais são “adaptáveis às mudanças das impressões de vida” (Freud, 2020/1908, p.58), tal qual esta passagem do diário:

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) E preciso criar este ambiente de

fantasia, para esquecer que estou na favela (Jesus, 1960, p. 50).

Como se observa, as fantasias de Carolina recebem a marca do tempo, do espaço e do contexto histórico em que vive e, diferente da primeira proposição freudiana, em seu diário predominam as fantasias que rompem com as expectativas sobre o gênero. Em acréscimo, ela resgata conteúdos oníricos que, assim como as fantasias produzidas no estado de vigília, operam para a realização de desejos, neste caso, desejos puramente conscientes e urgentes à sobrevivência da protagonista: “Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. E eu tinha tudo. Sacos de feijão. Eu olhava os sacos e sorria” (Jesus, 1960, p.169). Passagem que ganha amparo teórico na obra freudiana, uma vez que tantos os sonhos noturnos quanto aqueles produzidos em vigília se constituem pela mesma matéria,

denominada de fantasia (Freud, 2020/1908).

A partir de Freud (2020/1908) o diário de Carolina dá espaço às fantasias que assumem uma função compensatória e elaborativa diante de um contexto inóspito. A aproximação com a teoria freudiana parte da concepção de fantasia como representante da realidade psíquica, entendendo que “não se trata igualmente de desconhecer a relação entre o drama psicológico e o drama social [...], uma vez que os ‘conflitos internos’ são produzidos pelas ‘instituições sociais’ (Chaves, 2020, p. 29) e as fantasias não deixam de acompanhar e trazer em si uma marca da realidade, de forma mais prazerosa e suportável.

Contudo, seja no intuito de encontrar prazer no encobrimento fantasístico da realidade material como propõe Freud (2020/1908), seja com a pretensão de simboli-

zar e reconstruir a experiência em Vygotsky (2005), ou ainda estetizar a existência como referência Foucault (2004/1983), o diário se presentifica como instrumento de apoio e elaboração pessoal importante, mas não suficiente para ultrapassar a dimensão dramática de sua vida.

Categoria C: Empoderamento

Para Foucault, o discurso é um acontecimento de caráter produtivo, são nas práticas discursivas que o poder opera circulando e configurando as relações, os modos de vida e a história. Em sua obra *A ordem do discurso*, Foucault (1996/1970) diz que a sociedade teme essa potência de construção e destruição, realizando então um encobrimento dessa força inerente às práticas discursivas concomitante às diversas práticas de controle.

A categoria empoderamento, amparada no estudo sobre o poder, que se encontra em Foucault

(1996/1970), demonstra como essa prática discursiva realizada possibilitou a autora utilizar a linguagem para promover mudanças, apesar das coerções que um enunciado de denúncia das opressões está fadado a sofrer pelas táticas de controle: “Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a este tipo de literatura” (Jesus, 2014, p. 170).

Carolina era desperta para o poder das palavras, em vários trechos ela demonstrou que escrevia para operar na realidade material, não apenas sair do “quarto de despejo”, mas resistir às formações discursivas opressoras, articular meios de sobrevivência e transformação da realidade, assustar os políticos: “Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (Jesus, 1960, p. 31).

Bordini (2014,-) indica que pelo poder ser fragmentado e se apresentar em todas as formas, quanto mais disfarçado mais eficaz. Contudo, uma maneira de diminuir o mesmo é o saber, o que torna possível pensar em um empoderamento que não se limitou à autora, mas englobou sua classe social, à medida que formulou um saber sobre esse grupo, principalmente, quando coloca em evidência as condições desumanas a que era submetida. Dessa forma, projeta um futuro menos vulnerável e fomentando a construção de outros saberes, como essa pesquisa.

Em aproximação encontra-se Vygotsky (2005, p. 151), para quem “As palavras desempenham um papel fundamental, não só no desenvolvimento do pensamento, mas também no desenvolvimento histórico da consciência como um todo. Cada palavra é um microcosmos da consciência humana”. Sendo assim, a escrita do diário

para Carolina se torna uma forma de empoderamento, pois assume a função por meio da visualização refletida da experiência, no enxerto: “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela” (Jesus, 1960, p. 21), passagem em que é possível verificar o poder de projeção que ela adquiriu, a partir da conscientização de sua capacidade de transformação, possibilitando as mudanças que almejava. Para Taille, Oliveira e Dantas (2019, p.28), o ser humano possui

Essa capacidade de lidar com representações que substituem o real é que possibilita que o ser humano faça relações mentais na ausência dos referentes concretos, imagine coisas jamais vivenciadas, faça planos para um tempo futuro, enfim, transcenda o espaço e o tempo presentes, libertando-se dos limites dados pelo mundo fisicamente perceptível e pelas ações motoras abertas.

Portanto, a elaboração sistemática dos fragmentos anteriormente desconexos, possibilitou transformações no reconhecimento de si, no meio social e na sua forma de se expressar, evidenciando os processos percorridos pela autora durante a escrita contínua de seu diário. Nessa passagem: “O dia de hoje me foi benéfico. As rascoas da favela estão me vendo escrever e sabe que é contra elas. Resolveram me deixar em paz” (Jesus, 1960, p.14), percebe-se que a escrita do diário viabilizou uma mudança de comportamento das moradoras da favela do Canindé, através do reconhecimento de Carolina de Jesus como escritora e possível intérprete do cotidiano nas favelas brasileiras.

Em distanciamento encontra-se Freud pois, apesar de ser a teoria do narcisismo (Freud, 2010/1914) favorável para pensar a autoestima e as relações de poder, observa-se necessária a realização de um tensionamento conceitual

para promover a analogia com as dimensões educativas e políticas que atravessam o empoderamento, exigindo mais que um processo hermenêutico, sobretudo dialético entre a teoria freudiana e a categoria de empoderamento assumida pelo diário, uma vez que não existe convergência exata entre o arcabouço freudiano e a ideia de empoderamento, mesmo quando tomado em referência o seu caráter polissêmico no campo das ciências humanas e sociais (Baquero, 2012).

Distribuídas em sua obra, as formulações teóricas sobre o poder perpassam temáticas que muitas vezes impossibilitam o seu protagonismo, tal qual a relação mãe-filho, a autoridade paterna, o falo (Freud, 1996/1905b, 1996/1925), o que favoreceu a reivindicação de Adler a respeito desta temática, cujas lacunas ainda são convidativas, apesar das discussões primorosas empreendidas posteriormente, a exemplo do que

Freud (2011/1921) realiza em *Psicologia das massas e análise do eu*.

Nesses termos, é possível pensar que o diário possibilita a Carolina o que Freud (2010/1914) denomina de “imortalidade do eu”, fantasia referida à continuidade promovida pela geração dos filhos, mas que também pode ser favorecida pela criação de uma obra que perpetua o seu autor e favorece a gratificação narcísica, neste caso assentada sobre um ideal, como demonstra esta passagem:

...um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal (Jesus, 1960, p.42).

Abdicando do amor de um homem em favor ao amor do seu ideal, Carolina demonstra convicção e segurança, mesmo que reconheça ser este ideal inacessível

para a grande maioria das mulheres que compartilham da sua realidade. Ao conquistá-lo, este ideal possibilita uma mudança material, mas também simbólica. Para ela falta quase tudo, menos o poder e domínio das palavras, o qual repercute no lugar ocupado por Carolina na sociedade e no reconhecimento que o acompanha: “Eu disse aos balconistas que escrevi um diário que vai ser divulgado no O Cruzeiro” (Jesus, 1960, p.142).

Como se observa, Vygotsky e Foucault, favorecem uma leitura da categoria empoderamento alicerçada na possibilidade de transformação da dimensão concreta da realidade que a escrita de Jesus guardou. Foucault destacando o potencial da escrita como cuidado e governo de si que permite operar mudança nas práticas sociais e Vygotsky demonstrando como é a palavra que permite que, na ausência do objeto, se possa imaginar, fantasiar, transcender

por um instante as mazelas impostas pela realidade e planejar, sonhar, criar, sendo este o recurso que pode possibilitar a mudança das condições. Em Freud, por sua vez, não se observa um conceito correspondente a categoria empoderamento, podendo se fazer a aproximação do conceito de “imortalidade do eu” (Freud, 2010/1914) que também pode ser favorecida pela criação de uma obra que perpetua o seu autor e favorece a gratificação narcísica, neste caso assentada sobre um ideal.

Considerações finais

Quarto de Despejo é um livro que inquieta e angustia o leitor dizendo uma verdade duramente atual. Nesse momento onde nossas desigualdades estão cada vez maiores e o Brasil entra novamente no mapa da fome é preciso

falar sobre *Quarto de Despejo*, porque representa o cotidiano de muitas brasileiras que, assim como nossa personagem, são marginalizadas e não possuem o mínimo para sobreviver, à medida que não são atendidas por nenhuma política social de maneira adequada.

Carolina vivenciou as mazelas da sociedade brasileira de maneira visceral, por ser negra, imigrante, mulher e mãe, ela foi marginalizada e silenciada pelo Estado, que negligenciou a constituição ao negá-la seus direitos básicos. Deste modo, encontrou em seu diário um meio de validar sua existência, sendo a representante do povo, e expressando com naturalidade uma realidade compartilhada por muitos brasileiros.

O uso do diário de Carolina na obra *Quarto de Despejo* provocou interrogações sobre as funções assumidas por esse diário, pensando ser este um caminho possí-

vel para o estudo e interpretação do livro a partir da ciência psicológica, a qual contou com a utilização de referenciais teóricos que permitiram o diálogo entre diferentes autores e a emergência de diferentes pontos de vista. Este percurso permitiu uma abordagem contextualizada dos usos do diário pela autora e convocou a psicologia em seu papel político, diante de um sistema produtor de desigualdades sociais, que afeta direta e indiretamente a saúde mental.

A psicologia como uma ciência ímpar que dialoga com os campos da saúde e ciências sociais favoreceu a formulação de três categorias. Na categoria Denúncia foi observada maior correspondência em Vygotsky, que considera o ambiente uma categoria central de suas proposições e tem no materialismo histórico as bases epistemológicas de sua teoria. Na categoria elaboração da experiência ganharam destaque os escri-

tos de Freud, que têm nas formulações sobre a dimensão intrapsíquica uma maneira de pensar os mecanismos compensatórios que emergem em realidades duramente insatisfatórias como a de Carolina. Por fim, na categoria Empoderamento, Foucault recebe evidência ao fornecer referências para discutir as bases das relações de poder.

Isto posto, propomos que sejam abordados outros pontos igual-

mente relevantes da obra *Quarto de Despejo*, para que assim, possa se ter uma interpretação cada vez mais ampla, complexa e realista da trajetória de Carolina, como o possível potencial terapêutico que consta na escrita de seus diários, tendo em vista as categorias aqui apresentadas e a relação de cada uma delas com a promoção da saúde mental.

Referências

- Bairrão, J. M. H. (2019). Máscaras do Conservadorismo em Psicanálise e Possíveis Antídotos. *Dossiê Rede Interamericana de Pesquisa em Psicanálise e Política*, 8(1), 64-77. Recuperado de <https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/14409>
- Baquero, R. V. A. (2012). Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. *Revista Debates*, 6(1), 173. Recuperado de <https://www.seer.ufrgs.br/debates/article/view/26722>
- Bastos, R. K. L. (2017). A escrita como cuidado de si na obra tardia de Michel Foucault. *Revista Sísifo*, 5(1), 158-170. Recuperado de <http://www.revistasisifo.com/2017/05/a-escrita-como-cuidado-de-si-na-obra.html>

Bordini, T. M. (2014). O saber e o poder: Contribuição de Michel Foucault. *Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação*, n. 10(1), 225-235.

Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/5088/4925>

Chaves, E. S. (2020). O paradigma estético de Freud. In S. Freud (Autor), *Arte, literatura e os artistas, Obras incompletas de Sigmund Freud*, v.3. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Fernandes, C. (2021). A força da ausência. A falta dos homens e do “Estado” na vida de mulheres moradoras de favela. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), 206-230. Recuperado de

<https://www.scielo.br/j/sess/a/q6T8GxYmvPy3k6jN6fbRbZB/?lang=pt&format=html>

Foucault, M. (1989). *Microfísica do poder*. (8a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Graal. (Trabalho original publicado em 1978)

Foucault, M. (1996). *A Ordem do discurso*. São Paulo, SP: Loyola. (Trabalho original publicado em 1970)

Foucault, M. (2004). Na ética do cuidado de si, um exemplo: a escrita. (E. Monteiro e I. A. D. Barbosa, Trad.). In M. B. Motta (Org.), *Ética, sexualidade, política: Michel Foucault* (Vol. 5, pp. 144-162). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1983)

Freud, S. (2000). A interpretação dos sonhos. (W. I. Oliveira, Trad.). In S. Freud (Autor), *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Edição Comemorativa). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1996). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 6). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).

Freud, S. (1996). Os chistes e sua relação com o inconsciente. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol.8). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1905a).

Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol.7, pp.117-229). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1905b).

Freud, S. (2020). O poeta e o fantasiar. (E. Chaves, Trad.) In S. Freud (Autor), *Arte, literatura e os artistas, Obras Incompletas de Sigmund Freud* (Vol.3, pp.53-66). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908)

- Freud, S.** (1996) Cinco lições de psicanálise. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol.11, pp.17-65). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S.** (2010). Introdução ao Narcisismo. (P. C. Souza, Trad.). In S. Freud (Autor), *Obras completas* (Vol.. 12, pp. 9-37). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S.** (1996). O sentido dos sintomas. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 265-279). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S.** (2011). Psicologia das massas e análise do eu. (P. C. Souza, Trad.). In S. Freud (Autor), *Obras Completas* (Vol. 15, pp.13-113). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S.** (1996). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp.271-286). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Gikas, A. I., & Sampaio, J. C. G.** (2018). A situação dos migrantes brasileiros em “Quarto de despejo” e seu papel na formação da população paulista na década de 1950. *Revista Alabastro*, 1(10), 160-166. Recuperado de <http://revistaalabastro.fespsp.org.br/index.php/alabastro/article/view/183>
- Gonçalves, M. A.** (2014). Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus). *Horizontes Antropológicos*, 20, 21-47. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ha/a/LMRLRFGjBYPn5w3QODbBT6y/?format=pdf&lang=pt>
- Jesus, C. M.** (1960). *Quarto de despejo*. Edição Popular. Coleção Sinal Aberto. São Paulo: Ática.
- Jesus, C. M.** (2014). *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. 10 ed. São Paulo: Ática.
- Liberali, F. C.** (1999). *O diário como ferramenta para a reflexão crítica*. (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo) Recuperado de http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/fernanda_liberali.pdf
- Lima, N. L., & Santiago, A. L. B.** (2010). O diário íntimo como produto da cultura moderna. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(1), 22-34. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100004&lng=pt&tlng=pt

Minayo, M. C. (1992). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro, RJ: Abrasco.

Minayo, M. C. (2002). Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. In Minayo, M.C.S., Deslandes, S (Org.), *Caminhos do Pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz.

Netto, R. M. R., & Chagas, C. A. N. (2019). O Método Hermenêutico-Dialético aplicado às Ciências Sociais: uma análise sobre sua utilização para o estudo do tráfico de drogas. *Textos & Contextos*, 18(2). doi: [10.15448/1677-9509.2019.2.29611](https://doi.org/10.15448/1677-9509.2019.2.29611)

Oliveira, E. C. S. (2017). Uma "monstra perigosa": Pistas de Carolina Maria de Jesus para a intervenção psicossocial. *Estudos de Psicologia* (Natal), 22(4), 378-388. doi: 10.22491/1678-4669.20170039

Taille, Y. de La, Oliveira, M. K. de, & Dantas, H. (2019). Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. Summus editorial.

Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (2005). *Pensamento e linguagem*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987)

Recebido em: 27/04/2022

Aprovado em: 08/11/2023